

RENÚNCIA E NOVIDADE

Causou grande impressão o gesto totalmente inesperado da renúncia de Bento XVI. Ele a anunciou em 11 de fevereiro do corrente ano. Já havia acenado sobre essa possibilidade, mas ninguém a imaginava para antes da conclusão do seu oitavo ano de pontificado. Era o dia em que católicos do mundo se lembram de rezar pelos enfermos. O motivo principal para o gesto inaudito era colocado na debilidade de suas forças físicas. Praticamente se estava a dizer que a Igreja precisava de alguém com vigor físico para pôr a mão no timão da barca de Pedro e ele, Joseph Ratzinger — prestes a completar 86 anos —, já não o tinha mais. Todos consideraram o gesto da renúncia como vindo de alguém cheio de sabedoria e coragem. Houve mesmo quem dissesse tratar-se de uma ação digna de um grande homem ou — até mesmo — de um gesto revolucionário.

Bento XVI foi um papa que vivenciou momentos de forte crise interna na Igreja. Se pensarmos em alguns dos escândalos e situações que teve de enfrentar, bem se entende por que tomou a decisão da renúncia. E a renúncia chegou: a partir das 20 horas, em Roma, do dia 28 de fevereiro, a sé do bispo de Roma estava vacante e seria preciso convocar os cardeais, primeiro, para discutirem os problemas da Igreja e, depois, elegerem qual deles ocuparia a função de suceder o apóstolo Pedro. Na tarde daquele seu último dia de pontificado, o papa teólogo se despediu da pequena multidão que se apinhou diante do balcão do palácio pontifício de Castel Gandolfo com as seguintes palavras espontâneas: “Vamos para frente!” Era o último apelo de alguém que sabe que a Igreja tem um chefe invisível e possui uma complexidade que não se pode reduzir a uma só pessoa.

Tudo foi muito detalhadamente acompanhado pelos *media* — tradicionais e novos —, permitindo uma participação inédita dos fiéis católicos espalhados pelo mundo afora na escolha do seu principal líder visível. Não se trata obviamente de uma participação direta, mas se considerarmos que os cristãos se dizem unidos pela oração, certamente, eles uniram-se mais concretamente através da comunicação que os *media* permitem.

O conclave propriamente dito foi muito breve e trouxe a novidade: Jorge Mario Bergoglio, o jesuíta cardeal de Buenos Aires foi escolhido como sucessor de São Pedro. Segundo as palavras do novo papa, ele era alguém “quase do fim do mundo”: a Argentina, América

do Sul, o continente que Paulo VI dissera ser o continente da esperança para os católicos. O momento da aparição do novo papa foi ímpar. Sua face parecia inicialmente com ares que misturavam susto e desconforto pela escolha. Mas logo veio o sorriso, o aceno e a simpatia que contagiaram a todos. As primeiras palavras proferidas por ele naquela primeira saudação não incluíram termos como “papa” ou “pontífice”; mas surpreendeu a utilização de um binômio que trazia à memória a teologia dos Padres da Igreja: bispo e povo, uma unidade indissociável. Duas outras coisas marcaram: o silêncio orante solicitado pelo novo bispo de Roma à multidão que se comprimia na praça e à qual ele, inclinado, pedia a bênção antes de abençoá-la, e o nome Francisco. O nome do santo dos pobres e da fraternidade universal contém um programa de pontificado.

Por que Bergoglio? Ele não aparecia listas dos papáveis. Figurava, sim, como papável no conclave que escolheu Bento XVI, em 2005, mas nem naquela época foi apresentado como candidato forte. Houve até quem dissesse ter sido ele o segundo mais votado naquela ocasião. De modo que cabe perguntar: Por que o Cardeal de Buenos Aires? Talvez uma resposta possa ser encontrada naquilo que aconteceu depois: o novo papa foi e está sendo calorosamente aclamado e acolhido por todos. Ele faz e diz coisas que convencem.

O cardeal cubano Jaime Ortega revelou ao público, através de *Palabra Nueva*, revista da Arquidiocese de Havana, o discurso que Bergoglio proferira durante as chamadas congregações gerais antes do conclave, nas quais acontecem as intervenções de quase todos os cardeais a respeito de problemas e desafios eclesiais. Tenha-se presente que cada cardeal tem um tempo bem curto para traçar sua reflexão sobre a situação da Igreja e as perspectivas do novo pontificado. Vale a pena retomar os quatro pontos daquele discurso do então Cardeal Bergoglio: 1) coragem de evangelizar, neste ponto aparece o termo “periferia”, tão recorrente nas palavras do Papa Francisco; 2) superação da autorreferencialidade eclesial, uma Igreja autorreferencial é comparável à velha encurvada que aparece numa narrativa evangélica (cf. Lc 13,10-17); 3) Bergoglio se baseia no teólogo jesuíta Henri de Lubac para falar da mundanidade espiritual, identificada como o pior mal que pode acontecer à Igreja (uma Igreja que vive em si, de si e para si); 4) o novo papa deve ser “um homem que, a partir da contemplação de Jesus Cristo e da adoração a Jesus Cristo, ajude a Igreja a sair de si rumo às periferias existenciais, que a ajude a ser a mãe fecunda que vive da — e aqui Bergoglio cita Paulo VI — ‘doce e confortadora alegria de evangelizar’”.

Essa doce e confortadora alegria de evangelizar tem marcado o início de pontificado do Papa Francisco. Ele tem atraído a simpatia de todos justamente pela profundidade de suas palavras e a força profética dos seus gestos. O dossiê que Bento XVI recebeu da comissão que ele próprio implantou para investigar os problemas que ficaram conhecidos com *Vatileaks* foi praticamente esquecido pela grande imprensa. Tem-se constatado um clima de quase euforia em

relação ao novo papa que vem durando desde o dia 13 de março, quando aconteceu a escolha do argentino. Nomes como Leonardo Boff, Hans Küng e Jon Sobrino — conhecidos teólogos progressistas — só lhe têm rasgado elogios e se mostram entusiasmados com o papa jesuíta. O novo papa é quase uma unanimidade. É verdade que nas primeiras horas após o anúncio, houve quem levantasse a suspeita — ou mesmo a denúncia — de que ele teria colaborado com a ditadura argentina. Mas logo levantaram-se vozes em sua defesa, entre as quais, a do prêmio Nobel da Paz Adolfo Pérez Esquivel.

Ainda não houve grandes mudanças. Ele constituiu uma comissão para ajudá-lo numa reforma da Igreja Romana: oito cardeais de diferentes continentes que terão a tarefa de repensar os organismos vaticanos, quiçá atualizando-os para o nosso tempo.

O Papa Francisco prossegue com sua característica de se aproximar sempre mais das pessoas e situações. É esperado para fins de julho próximo na Terra de Santa Cruz, quando se celebrará a Jornada Mundial da Juventude, evento de massa iniciado pelo Papa João Paulo II, em que jovens católicos do mundo inteiro se encontram com o chefe da Igreja. A expectativa entre nós em relação a esta primeira viagem internacional de Francisco é de muito ânimo.

Passemos, pois, a apresentar suscintamente este número de *Pensar-Revista Eletrônica da FAJE*. Abrimos o número com os artigos *Theo*, provenientes do nosso Departamento de Teologia. O primeiro deles é de autoria do mestre em teologia pela FAJE, Moisés Nonato Quintela Ponte, que nos brinda com um excelente texto sobre um importante Padre da Igreja: Gregório de Nissa. Moisés Ponte traz à reflexão o tema da mística das trevas, tomando como base a *Vida de Moisés*, de Gregório de Nissa.

O segundo artigo é assinado por dois doutorandos em teologia: Jorge Luiz Gray Gomes e Antônio Augusto Nogueira Matias. O artigo trata da teologia política e estabelece um diálogo entre Hans Schmidt e Fernando Rivas Rebaque, a propósito do teologia política no cristianismo primitivo.

Os demais quatro artigos pertencem à seção *Philo*, cuja fonte se encontra mais no nosso departamento de filosofia. O primeiro deles é assinado pelo bacharel em filosofia pela FAJE, Diôgo Costa Fernandes, que se intitula “A concepção de filosofia em Henri Bergson”. Como bem indica o título, trata-se de uma tentativa de imersão da filosofia de Henri Bergson.

O segundo artigo da seção *Philo* se interessa pelo debate entre fé e razão, suscitado pela encíclica *Fides et Ratio*, de João Paulo II. Seu autor, Francisco Aluziê Barbosa das Chagas, mestre em Filosofia pela FAJE e ora professor de filosofia no ensino superior em Mossoró, RN, argumenta que o binômio em questão não condiz com uma oposição, mas sim se trata de uma conciliação, pois ambas buscam a verdade.

O artigo intitulado “A perda do humano fixado no objeto e o problema moral nos limites do pensamento de Karl Marx”, assinado

por Thiago Teixeira Santos, mestrando em filosofia pela FAJE, busca fazer um exercício de hermenêutica do texto marxiano, mais precisamente dos *Manuscritos econômico-filosóficos de 1844*. Vem fora um tema recorrente e fundamental na filosofia de Marx: a alienação. O autor esforça-se por mostrar as implicações éticas deste tema em Marx.

Por fim, os artigos *Philo* encerram-se com o texto de Brener Alexandre Gonçalves, graduado em filosofia pela FAJE e especialista em filosofia pela UFMG. O artigo “Algumas considerações sobre a *parresía* em Foucault” põe em foco o termo grego em questão e o situa dentro do contexto retórico em que foi engendrado, abrindo-o para o tema da ética do cuidado, em Foucault.

Fecha o presente número de *Pensar-Revista Eletrônica da FAJE* a seção *Expressões FAJE* com o ensaio filosófico de Bruno Pettersen, professor de Filosofia da Natureza e História da Filosofia Contemporânea I na FAJE. Pettersen traz ao nosso leitor as reflexões que fez na sessão de maio deste ano dos *Filmes para pensar e ser mais*, atividade de extensão da FAJE, em que foi projetado o celebrado filme *Blade Runner, caçador de androides*.

Pensar-Revista Eletrônica da FAJE une-se a muitos que têm acompanhado com esperança este início de ministério petrino de Francisco. Sabe-se que nem o destino da Igreja nem seus desafios dependem unicamente de uma só pessoa. Há muitos envolvidos, inclusive — acreditamos os cristãos — está envolvido o próprio Deus. A renúncia de Bento XVI certamente trouxe uma novidade. É possível que tenha aberto o caminho para que a renúncia de uma papa ancião e doente passe a ser prática na Igreja. Os problemas da atualidade exigem a plena saúde física de qualquer liderança. Parece que, neste ponto, a Igreja está aberta a não diferenciar-se da maioria das organizações e sociedades do mundo contemporâneo.

Francisco tem-se mostrado uma espécie de síntese dos grandes papas recentes que se podem qualificar como papas do Concílio Vaticano II. Francisco tem o coração e o sorriso de João XXIII; a capacidade de mediação e diálogo de Paulo VI; a proximidade das pessoas que caracterizou o Papa João Paulo I; a consciência da missão de levar a fé a todos e também de defendê-la, como João Paulo II; e a profundidade e sinceridade das palavras de Bento XVI. Na verdade, porém, Francisco é ele mesmo e tem mostrado isso a todos. Suas palavras e seus gestos têm dado mostras de que Francisco é alguém possuidor de grande convicção no que diz respeito à sua fé e, ao mesmo tempo, a entende não a partir de um pedestal de doutrinas, mas como uma experiência que se abre ao diálogo com todos. *Pensar-Revista Eletrônica da FAJE* deseja todo o bem no seu ministério de servir a união de todos os católicos.

Delmar Cardoso
Editor